

DIARIO POPULAR

3.ª-feira
2
OUTUBRO

Director PACHECO DE ANDRADE

Director adjunto BOTELHO DA SILVA

ANO XXXVIII — 1979 — N.º 12 950 — PREÇO 10\$00

Propriedade da E.P.S.P. — Rua Luz Sordano, 67, Lisboa — Cód. Post. 1100 — Telex: 223291/3 (P.P.C.A.) — 223296-30-4630-341637 (7 linhas) — 221197 (10 linhas) — Telef. 31115 — 31117



No Palácio de Vidro da O. N. U.

Fundação Cuidar o Futuro

O PAPA RECEBE LURDES PINTASILGO

A primeiro-ministro Maria de Lurdes Pintasilgo que ontem, na assembleia geral da O.N.U., viu aplaudido o importante discurso que ali proferiu, encontra-se esta tarde, na sede da organização, com o Papa João Paulo II, em entrevista aguardada com grande expectativa.

○ SERVIÇO DE JOÃO AGUIAR, ENVIADO ESPECIAL DO DP

DIARIO POPULAR - 2.10.79

PROGRAMA DE PRINCÍPIOS PARA A DÉCADA DE OITENTA

Por JOÃO AGUIAR, enviado especial do «D. P.»

NOVA IORQUE, 2 — As preocupações de ordem moral foram a nota dominante do discurso que a primeira-ministra Maria de Lurdes Pintasilgo pronunciou, ontem, na Assembleia Geral das Nações Unidas. Aliás, a intervenção reflectiu e desenvolveu praticamente todos os temas caros à primeira-ministra e que esta tem abordado nas entrevistas e declarações mais recentes: justiça social, Direitos Humanos, valores culturais, a nova ordem económica internacional, as relações entre países ricos e países pobres. Pela boca da chefe do Governo português falou, ainda, também (e ela não o escondeu, pelo contrário) a diplomata da U. N. E. S. C. O.

Ao mesmo tempo que dava ao seu discurso uma intenção profundamente espiritual e que falava do «rostro moral que em faltando ao relacionamento entre as nações», Lurdes Pintasilgo não resistiria, igualmente, à tentação, que já parece ser seu hábito consagrado, de terminar os discursos solenes com uma poesia. No caso vertente, terá colocado em sérias dificuldades os tradutores da O. N. U., mas estes estão, certamente, habituados a obstáculos mais graves...

No entanto, seria errado

concluir que o discurso da primeira-ministra não foi além, no seu significado, da moral e da poesia. Por um lado, os apelos ao entendimento e à paz foram acompanhados de considerações muito concretas e pragmáticas; por um outro, algumas das principais posições portuguesas em matéria de política externa, se bem que não inéditas ou muito recentes, foram, ontem, apresentadas no plenário das Nações Unidas de forma clara e sistematizada.

AS RESPONSABILIDADES DOS RICOS E DOS POBRES

Assim, ao referir-se à já tão fatiada questão do diálogo entre nações ricas e pobres, Lurdes Pintasilgo salientaria que não são apenas os países ricos que detêm todas as responsabilidades no futuro desse diálogo e na construção da nova ordem mundial. As nações menos favorecidas, sublinhou, têm um contributo importante a dar, pelo pragmatismo das suas posições e pela força moral que devem conquistar ao lutar pela justiça social dentro dos seus próprios territórios.

Mas também as afirmações respeitantes à política externa portuguesa possuem um significado que ultrapassa o da própria atitude que nelas ficou expressa e que podemos definir como: um óbvio gesto de cordialidade na direcção dos novos países de Língua Portuguesa, uma posição hostil em relação à política racial

da África do Sul e uma reafirmação de que Portugal não aceita o actual «statu quo» em Timor-Leste. É certo que, como referimos, estas tomadas de posição não são inéditas por parte de Portugal. Não tinham sido porém apresentadas até agora com tanta nitidez e sobretudo com tanto ênfase. E o facto de elas terem sido expressas pela chefe de um Governo que desde o início se assumiu como de transição, a prazo de cerca de cem dias, dá, pensamos nós, a «chave» desse significado mais lato. Para o plenário da Assembleia Geral da O. N. U., esta circunstância especial não tem, evidentemente, qualquer peso ou importância. Mas para nós, portugueses, significa que podemos concluir, com lógica, que as afirmações de Lurdes Pintasilgo (particularmente duras em relação à África do Sul) terão obtido um con-

senso por parte do Presidente pronunciadas no plenário da República antes de se dar as Nações Unidas.

«MOMENTO DESFAVORÁVEL» POR CAUSA DO PAPA

Saliente-se, ainda, como dignas de registo — porque inequivocamente pertinentes — as observações da primeira-ministra acerca da necessidade de colocar a Ciência e a Tecnologia ao serviço do desenvolvimento, como instrumento importante, que tem de ser,

todavia, cuidadosamente controlado. E também o seu aviso: o desarmamento não é apenas uma questão moral mas sobretudo de sobrevivência.

Entretanto, a intervenção de Lurdes Pintasilgo na Assem-

bleia Geral deu-se, passe a expressão, num «momento desfavorável»: todas as atenções dentro e fora do Palácio de Vidro estão, compreensivelmente, centradas sobre a visita do Papa. Causou certa consternação (para não dizer aborrecimento), pelo menos nos meios jornalísticos, o anúncio de que o presidente Carter ia falar à Nação ontem à noite. Os correspondentes estrangeiros, sobretudo, tiveram de se desdobrar entre

João Paulo II e o presidente americano, o que nem sempre é fácil. E ontem, enquanto na sala da Assembleia Geral da O. N. U. se sucediam os oradores, no resto do edifício desenvolvia-se uma febril actividade, em preparação da visita papal. Talvez por isso a própria sala do plenário se encontrava apenas com meia lotação durante a parte da tarde, período que foi iniciado com o discurso da primeira-ministra de Portugal.

REACÇÃO CALOROSA DA ASSEMBLEIA

A primeira-ministra Maria de Lurdes Pintasilgo, ao discursar nas Nações Unidas, falou perante a Assembleia Geral apelando à unidade e ao respeito mútuo. A visita do Papa, que desde ontem se encontra em solo americano e que hoje visitou a O.N.U., monopolizava já as atenções e interesses. E, no entanto, a intervenção da chefe do Governo português, se passou relativamente despercebida fora do palácio de vidro e, se não contou com uma sala cheia, não deixou, por isso, de encontrar uma aprovação e um acolhimento.

Passaram as felicitações e manifestações tradicionais e protocolares. Com efeito, quando Lurdes Pintasilgo abandonou a sala da Assembleia e se dirigiu para o local onde, conforme o uso, deveria receber os cumprimentos dos representantes dos diversos países, foi submergida por uma onda de elogios. Um dos presentes exclamou: «Por uma vez não ouvimos lugares comuns na Assembleia Geral.»

CHISSANO: «O MELHOR DISCURSO DESDE O 25 DE ABRIL»

Entre outros, também os representantes da Alemanha Federal e da França felicitaram a primeira-ministra de Portu-

gal. Mas especialmente significativa (tendo em conta os problemas existentes no campo das relações bilaterais) foi a declaração de Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, ao dizer que o discurso de Lurdes Pintasilgo era o melhor proferido por um dirigente português desde o 25 de Abril. Saliente-se, aliás, que o ministro dos Estrangeiros português, Freitas Cruz, esteve, ontem, reunido com o seu homólogo moçambicano. Por outro lado, e conforme ela própria anunciou ao fim da tarde, Maria de Lurdes Pintasilgo encontrou-se, ontem, também, com Maria da Graça Amorim, de São Tomé e Príncipe. Dado que hoje deverá conferenciar com o ministro das Relações Exteriores do Brasil (encontro que estava, originalmente, marcado para ontem), fica assim parcialmente cumprido o plano de contactos com os outros países de expressão portuguesa. E se Angola, em princípio, não será incluída, a primeira-ministra terá querido suprir essa falta ao prestar homenagem a Agostinho Neto, logo no início do seu discurso na O.N.U.

DISCURSO JÁ OBTVE RESULTADO CONCRETO

Entretanto, e se é verdade que a intervenção de Lurdes

Pintasilgo se centrou muito especialmente em problemas de fundo moral, também é verdade que (ao contrário do que habitualmente acontece com as atitudes morais) se registou ontem mesmo, um resultado concreto. Referindo-se às palavras do chefe do Governo de Lisboa sobre «a dimensão cultural do desenvolvimento» o representante da U. N. E. S. C. O. junto da O. N. U., com efeito, afirmou que alguns países africanos pensavam propor uma resolução, ainda a apresentar a esta Assembleia Geral visando precisamente esta problemática e gostariam que Portugal se associasse à iniciativa. Tratou-se, conforme explicou depois aos jornalistas portugueses a secretária de Estado Teresa Santa Clara Gomes, de elaborar uma proposta de resolução que tomasse como base a posição expressa no discurso de Lurdes Pintasilgo.

KURT WALDHEIM ELOGIA ACÇÃO DE FUTSCHER PEREIRA

Mas a atmosfera de cordialidade e de respeito para com a actuação dos representantes de Portugal não se resumiu às reacções ao discurso da primeira-ministra. Antes da

sessão da tarde — portanto antes de usar da palavra na Assembleia Geral — Lurdes Pintasilgo ofereceu um almoço ao presidente do plenário, Salim Ahmed Salim, e ao secretário-geral, Kurt Waldheim. Na ocasião, este último referiu-se em termos extremamente elogiosos à acção desenvolvida pelo embaixador de Portugal junto das Nações Unidas, Futscher Pereira. E, recorrendo aos tão citados «meios bem informados» junto da O. N. U., pudemos certificar-nos de que essa atitude de Kurt Waldheim superou em muito os meros limites da cortesia protocolar.

As palavras do secretário-geral da O. N. U. foram relatadas aos enviados especiais portugueses pela própria Maria de Lurdes Pintasilgo, no decorrer de um encontro cordial e informal com os jornalistas, que se realizou na residência do embaixador, ao fim da tarde de ontem e durante o qual a primeira-ministra forneceu informações sobre os contactos que efectuara durante o dia. Entretanto, para hoje, os dois pontos mais importantes do seu programa são a entrevista com João Paulo II e as conversações com o secretário de Estado Cyrus Vance.